

“Fornadjeiras”: mulheres, mobilidade social e gênero na produção de aguardente (grogue) em comunidades rurais de Cabo Verde/África¹

Carla Carvalho²

Sergio Schneider³

Resumo: Nas pequenas comunidades rurais de Cabo Verde/África está em curso um processo social que vem alterando as posições de gênero e o lugar das mulheres nas atividades produtivas. Este processo transcorre numa sociedade em que historicamente houve forte dominação masculina e poucas chances de mobilidade social. O objetivo central do trabalho consiste em mostrar como a redução da presença dos homens nas famílias e na comunidade, em razão da emigração, produziu um conjunto de novas relações sociais no espaço de produção da “fornadja”, permitindo que as mulheres conquistassem e construíssem a nova identidade de “fornadjeiras”.

Palavras-chave: gênero, “fornadja”, Cabo Verde, meio rural, emigração.

1 Agradecimentos à CODESRIA (Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África) pela concessão da bolsa no âmbito do Programa de Bolsa de Redação de Teses e Monografias. Agradecimentos também aos pareceristas pelas alterações sugeridas que permitiram enriquecer o trabalho.

2 Escola de Negócios e Governação – Universidade de Cabo Verde – Praia – Cabo Verde – carla.carvalho@docente.unicv.edu.cv

3 Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e Departamento de do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – Pesquisador do CNPq – Porto Alegre – Brasil – schneide@ufrgs.br

Abstract: *In the small rural communities from Cape Verde/ Africa it is in course a social process that is altering the gender positions and the women's place in the productive activities. This process elapses in a society in which historically there were strong masculine dominance and few chances of social mobility. The central objective of this work consists in showing how the reduction of the men's presence in the families and in the community, on account to emigration, it produced a set of new social relations in the space of production of the “fornadja”, allowing the women to conquer and build a new identity of “fornadjeiras”.*

Key-Words: *gender, “fornadja”, Cape Verde, rural community, emigration.*

Introdução

Nas pequenas comunidades rurais de Cabo Verde/África está em curso um processo social que vem alterando as posições de gênero e o lugar das mulheres nas actividades produtivas. Este processo transcorre em uma sociedade em que historicamente houve forte dominação masculina e poucas chances de mobilidade social. Cabo Verde é um país arquipelágico, constituído por dez ilhas, situado no oeste africano, com cerca de 505.756 habitantes, das quais 51,5 % são do sexo feminino e 48,5 % são do sexo masculino, segundo as projeções do INE (Instituto Nacional de Estatística, 2008). Estima-se que, além desta população de cabo-verdianos, estejam residindo em outros países, tais como Estados Unidos, França, Holanda etc., cerca de 400 mil cabo-verdianos emigrados ou descendentes de segunda e terceira geração. Este fenómeno faz parte da vida socioeconómica e cultural de Cabo Verde, desde finais do século XIX.

Este estudo foi realizado na ilha de Santiago, na comunidade rural de Ribeira de Principal. Este trabalho caracterize-se, basicamente, por uma pesquisa de cunho qualitativo, do tipo etnográfico. A etnografia descreve os usos e costumes dos povos, e constitui um registo de fatos observados durante o trabalho de campo (Laplantine, 2004). A realização de pesquisa qualitativa, no caso o recurso à etnografia, é pertinente porque esta pesquisa não pretende ser representativa, nem fazer generalizações ou quantificar os dados, mas procurou imergir da esfera de subjectividade, daí que o trabalho de terreno facilitou a penetração nas intenções e motivos, a partir dos quais as ações e as relações dos sujeitos sociais adquirem sentido. Para a realização da etnografia utilizaram-se técnicas de pesquisa como observação participante, entrevista semiestruturada e história de vida. A observação participante permitiu observar e anotar (no diário de campo) acontecimentos e detalhes que se revelaram indispensáveis, tanto na sequência do processo de

recolha de dados e informações quanto no processo de análise e interpretação. Como principal instrumento para a obtenção das informações e dados primários, utilizou-se a entrevista semiestruturada. Esta revelou-se um instrumento adequado para a pesquisa, pois conferiu uma flexibilidade importante para o processo ao permitir que as entrevistas não se limitassem a perguntas preestabelecidas. Foram realizadas dezassete entrevistas com informantes-chave da localidade, a maioria está ligada à produção do grogue. Doze dessas entrevistas foram realizadas com “fornadjeros” e “fornadjeras”, sendo sete mulheres e quatro homens. Realizaram-se cinco entrevistas com pessoas que estão em contato com as “fornadjeras”, mas trabalhando em outras atividades fora do espaço da “fornadja”, e uma entrevista com um “fornadjero” que é simultaneamente proprietário de “fornadja”. Fez-se recurso à história de vida com duas “fornadjeras”, para captar o que acontece na interseção do individual com o social, e como afirma Burgess (2001) permitiu que elementos do presente se fundissem em evocações passadas.

O interesse em estudar esta comunidade surgiu a partir de visitas realizadas à comunidade, que tinham como propósito efetuar um levantamento de questões ou temáticas que poderiam revelar-se importantes para a elaboração do projeto de investigação. Nas primeiras visitas à Ribeira de Principal percebeu-se que em várias famílias havia membros que estavam emigrados. Essa emigração acontece essencialmente para os países da Europa, como Holanda, França e outros. Outro fato interessante que logo saltou à vista foi a existência de um número significativo de mulheres que estavam a trabalhar nas “fornadjas”⁴. Algumas observações e relatos permitiram constatar que até recentemente as “fornadjas” eram um espaço de produção eminentemente masculino. As mulheres somente frequentavam este espaço para ajudar⁵ os homens em tarefas como o transporte da água e lenha, levar refeições aos maridos e transportar o grogue para casa. Paulatinamente, foi aumentando a presença da mulher na “fornadja”, na produção e comercialização do grogue. No sentido inverso, alguns homens deixaram o espaço da “fornadja”, muitos deles em virtude da emigração ou para desempenhar outras actividades produtivas fora da comunidade, particularmente como pedreiro na construção civil, regressando no período das sementeiras⁶.

Neste contexto, as mulheres passam a adquirir uma centralidade cada vez maior na “fornadja” e também na comunidade, uma vez que passam a ocupar os

4 Espaço de produção do grogue (aguardente) constituído por alambiques (equipamentos, feitos de cobre, para a destilação do grogue) e “trapiches” (equipamentos para a moagem da cana sacarina).

5 Refere-se ao trabalho enquanto um processo de inserção no circuito de produção, comercialização e decisão dos bens produzidos.

6 Plantio dos cereais.

espaços de organização socioeconômicos antes restritos aos homens. As mulheres passam a desempenhar as mesmas tarefas que antes eram exclusivas dos homens no espaço público, nomeadamente na agricultura e na produção do grogue. Neste sentido, este artigo pretende mostrar a relação que há entre a migração masculina e a reconfiguração do espaço social público e familiar, particularmente as relações de poder e de gênero. A emigração masculina contribui para redefinir a posição da mulher no processo de trabalho e, por consequência, afecta as estratégias de reprodução do grupo doméstico como um todo. Daí propõe-se, provisoriamente, uma linha explicativa em que a migração tende a modificar e, no limite, desestruturar, os padrões tradicionais de organização do espaço social e familiar, fazendo com que os *habitus* dos agentes sociais sejam mudados ou fragilizados.

O objetivo central deste artigo consiste em mostrar como a redução da presença dos homens nas famílias e na comunidade, em razão da emigração, produziu um conjunto de novas relações sociais no espaço de produção da “fornadja”, permitindo que as mulheres conquistassem e construíssem a nova identidade de “fornadjeras” (mulheres que trabalham na “fornadja”), atribuindo-lhes também um novo papel social, o de provedoras do grupo doméstico.

A literatura vem mostrando que as relações de gênero nos espaços rurais tem sido alvo de discussões em vários espaços, por exemplo, o caso do Brasil, onde a partilha de uma língua comum poderá permitir destacar um elemento comparativo de discussão, embora está-se ciente que as relações de gênero se diferenciam dependendo das características dos países e regiões. As principais conclusões dessas pesquisas demonstram que, embora, ocorram transformações nas relações de gênero, as relações de poder continuam se reproduzindo, na maioria das situações, com os homens a assumirem uma posição de dominador e as mulheres a posição de dominada. Na verdade, as relações de gênero que se conformam como relações de poder se reproduzem independentemente da distância espaço-temporal, ou seja, no Brasil e em Cabo Verde a posição das mulheres é parecida, com a dupla ou tripla jornada de trabalho: o trabalho produtivo no campo, o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos.

O trabalho de Silva e Schneider (2010), intitulado “Gênero, trabalho rural e pluriatividade”, conclui que os papéis sociais das mulheres no meio rural não se alteraram significativamente, embora realizando um conjunto de tarefas que se enquadram no campo da pluriatividade, pois trabalham na produção, ou em outros locais, e fazem o trabalho doméstico; ou como Torres e Rodrigues (2010), no trabalho intitulado “O trabalho das mulheres no sistema produtivo da várzea amazônica”, em que apontam o trabalho não reconhecido nas comunidades tradicionais.

No meio rural da Ribeira de Principal, Cabo Verde, os espaços público e privado podem ser analisados pela contraposição de espaços, em que os espaços de produção (“fornadja”) e de reprodução (casa) tendem a ser representados como universos marcados pela distinção. Embora simbólicos e ideologicamente separados, os espaços público e privado são tão imbricados que, ao nível da aparência, não se pode ver nem estabelecer fronteiras (Costa, *apud* Fischer, 2007). Ademais, a análise dos espaços público e privado remete para o lugar do homem e da mulher. No meio rural, as mulheres inserem-se no espaço público – na produção agrícola como ajudantes – e no espaço privado – da casa. Enquanto os homens inserem-se no espaço público como sujeitos políticos. Não obstante, na prática cotidiana as mulheres rurais participam no espaço público desde tenra idade, trabalhando na agricultura. Para os homens, este é o espaço público político, enquanto para elas trata-se apenas do espaço público. Segundo Fischer (2007), as desigualdades entre mulheres e homens são construídas tanto no espaço público como no espaço privado e se apoiam em interesses e privilégios, alinhados a um projeto hegemónico de dominação masculina.

Para Bourdieu (1999), é através de um imenso trabalho de socialização contínua que as diferentes identidades se estabelecem como *habitus* claramente diferenciados e percebidos, segundo o princípio da divisão dominante. Assim, cabe ao homem o lugar externo, do oficial, do público, de realizar todos os atos visíveis e arriscados, como, por exemplo, as guerras. E, à mulher cabe o lugar interno, o privado, o escondido, como as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos. Mas, na prática cotidiana das mulheres rurais, elas participam, no espaço público – por exemplo, o campo – desde tenra idade, trabalhando na agricultura, que, para o homem, é espaço público político, mas para ela, é apenas espaço público.

O trabalho da mulher, não valorizado e oculto, até mesmo nas transmissões da propriedade, ganha uma nova face em Ribeira de Principal, com a entrada da mesma na “fornadja”. A reflexão de Whitehead (1984) conclui que homens e mulheres sempre tiveram papéis separados na produção agrícola e foram responsáveis por suprir as diferentes necessidades dentro do grupo doméstico. A divisão sexual do trabalho nas pequenas propriedades rurais é nítida e de carácter patriarcal, pois geralmente quem determina a divisão de tarefas é o homem, “chefe da família”. O entendimento “de quem deve fazer o que” é passado de geração para geração, naturalizando-se, tornando-se, portanto, um modo de ser que se aproxima do conceito de *habitus*, proposto por Bourdieu.

Assim, neste artigo, a proposta de Bourdieu é tomada como referência para explicar a internalização do *habitus* como condição para determinadas configurações das relações sociais. Considera-se que no processo de divisão do trabalho

existem posições distintas para cada membro do grupo doméstico – homens, mulheres, jovens, crianças e idosos. Assim, a construção da divisão social e sexual do trabalho naturaliza-se e legitima o *status quo* dominante. Por isso, mudar o *habitus* das mulheres, o que implica incorporar outros papéis além dos de mãe, esposa e trabalhadora, não depende somente delas. Será necessária uma reordenação das tarefas domésticas, com maior participação do marido ou companheiro, dos filhos e de outros membros do grupo doméstico, para que a mulher possa assumir plenamente um lugar público.

Este artigo inicia com uma breve seção sobre o contexto social pesquisado. Na segunda seção busca-se identificar e definir quem são as “fornadjeiras” e o processo de iniciação das mulheres nos espaços da “fornadja”. A seguir, analisa-se como a entrada da mulher na “fornadja” e a emigração masculina favoreceram a recomposição das estratégias familiares e da comunidade rural em diversos aspectos.

“Fornadjeiras”: a iniciação feminina nas “fornadjas”

As mulheres iniciaram a sua trajetória na “fornadja” pela mão de algum familiar do sexo masculino: pai, irmão, marido, cunhado, tio. As mulheres começaram a frequentar a “fornadja” ainda crianças, a acompanharem as mães que levavam refeições aos seus maridos ou companheiros. As crianças desempenham um conjunto de tarefas, designadamente: levar as refeições aos progenitores, apanhar lenha, transportar água e cana sacarina, carregar o balde com calda e colocar o lume no forno do alambique. A criança, enquanto sujeito social, que se encontra na “fornadja” acompanhando os progenitores, não está apenas fantasiando, mas encontra-se num processo de socialização, ou seja, a trabalhar seus valores sociais e a internalizar regras e normas socialmente estabelecidas.

Na adolescência, inicia-se a divisão sexual do trabalho, em que as tarefas entre os rapazes e as moças vão se diferenciar. Estreia-se, a partir deste momento, a interiorização das fronteiras da divisão do trabalho no espaço social de produção em função do gênero. Os rapazes iniciam as primeiras tarefas ligados à produção do grogue – na destilação do grogue (considerada um dos trabalhos mais importantes no espaço da “fornadja”, juntamente com a “tempra” e o “compor” o grogue) –, enquanto as moças continuam com as mesmas tarefas – consideradas femininas. Assim, paulatinamente, foram substituindo os pais e as mães nas tarefas realizadas nesse espaço. Posteriormente, na idade adulta, a mulher se estabelece na “fornadja” como trabalhadora e produtora de grogue.

O casamento e a união de fato constituem mecanismos de iniciação feminina nas “fornadjas”. Outras mulheres aprenderam este trabalho por iniciativa própria na medida em que a aprendizagem dessa prática constitui uma

estratégia para continuar a prover e a manter o grupo doméstico. A presença de mulheres na “fornadja” influenciou outras a trabalharem nesse espaço de produção. Antes da inserção significativa das mulheres nesse espaço, somente as mulheres solteiras, viúvas ou algumas com maridos emigrados estavam na linha da frente da produção do grogue. Mas as mulheres começaram a seguir as pisadas das outras e, actualmente, encontram-se todas as “categorias” de mulheres na “fornadja”: casadas, solteiras, viúvas, jovens, idosas, adultas.

As “fornadjas” jogam um papel-chave como reprodutoras e gestoras de conhecimento na produção do grogue. Os saberes adquiridos, ao longo dos anos, foram iniciando novas mulheres nesse espaço de produção. Ao aprenderem e dominarem as técnicas de trabalho da produção do grogue realizam um trabalho de socialização desse aprendizado com outras mulheres amigas, “comadres”, filhas, vizinhas e parentes. Assim, através dessa rede de amizade, companheirismo, socialização e cooperação, o capital social aumenta. Esta situação contribui para a autonomia dessas mulheres na garantia da provisão do seu grupo doméstico. Neste sentido, as redes sociais construídas por essas mulheres contribuem para a ida e o aumento das mulheres no espaço das “fornadjas” para, também, trabalharem e participarem ativamente desse espaço público de produção.

A iniciação da mulher e, quiçá, a sua própria permanência na “fornadja” pode ser pensada como um rito de passagem do espaço privado para o público. O rito envolve, no caso, uma rede de rupturas com os papéis previamente determinados e a constituição de uma identidade pública. Essa entrada coloca a mulher à frente de novas relações de poder e, conseqüentemente, de tensão no espaço da “fornadja”, no grupo doméstico e na própria comunidade, uma vez que os atores sociais – marido ou companheiro, “fornadjero” – consideram que a mulher não devia estar na “fornadja”.

As “fornadjas” podem ser categorizadas em três tipologias: as mulheres que trabalham quase ininterruptamente na “fornadja”, as que trabalham durante o tempo “seco” e as que vão efetuar até quatro ou cinco destilações de grogue por ano. As primeiras e segundas dispõem de uma rede organizada de comercialização do grogue. As segundas, porém, guardam o grogue até terem clientes para vender ou, então, “passar” esse grogue para os que têm clientes para vender. As “fornadjas” desempenham uma diversidade de tarefas para além da produção do grogue. Trabalham no campo (agricultura de sequeiro), na agricultura (de regadio) e em outras actividades sazonais, como apanha de inertes, venda de peixes ou outros artigos alimentícios e não perecíveis, cuidadora dos filhos e de outros membros do grupo doméstico com fragilidades de saúde – os idosos e os doentes –, para além de realizar as tarefas domésticas.

“Fornadjas” são espaços constituídos por alambiques e “trapiches” com a finalidade da produção do grogue. Nos finais da década de 1980 introduziram o “trapiche” motorizado no processo da moagem da cana sacarina em substituição dos bois. Esse processo de modernização se viabilizou por causa das remessas dos emigrantes, o que permitiu aos “fornadjeros” o contato com essa inovação. A introdução dessa tecnologia transformou as relações de trabalho na “fornadja” contribuindo para o aumento das mulheres nesse espaço, pois deixou-se de fazer a criação dos bois para a moagem da cana sacarina e passou-se, assim, a trabalhar menos tempo na moagem da mesma. Por causa disso as mulheres passaram a não depender dos homens nesse trabalho.

“Fornadja” e emigração

A emigração, frequentemente articulada às redes sociais em Cabo Verde, constitui uma estratégia de grupos domésticos, de amizade ou de vizinhança no processo de “reprodução social”. Mas, também, a emigração constitui uma estratégia individual, pois, os fatores psicológicos e individuais são importantes para determinar as motivações no processo migratório. O processo migratório em Ribeira de Principal iniciou pouco antes da independência do país (década de 1970). A emigração do homem originou uma escassez da força de trabalho no processo produtivo, o que levou as mulheres a ocupar esse lugar deixado vago e a substituir a força de trabalho masculina na agricultura, no campo e na “fornadja”. A saída masculina e a entrada da mulher em substituição do homem nos trabalhos agrícolas foi um processo de continuidade, visto que a mulher já trabalhava, também, nesse espaço. Entretanto, a sua substituição deu-se a nível político. A mulher negocia e decide o processo produtivo – o que não acontecia quando o marido estava presente.

As representações sociais projetadas sobre o emigrante, as próprias condições do modo de existência e de viver do emigrante criam marcas psicológicas que definem as estratégias individuais dos candidatos a emigrantes. Assim, a emigração poderá, também, ser uma decisão individual baseada não em condições socioeconômicas desfavoráveis, mas numa construção social de um imaginário “emigrante” cheio de oportunidades e menos penoso em termos do uso da força de trabalho. Essa representação constitui, na maioria das situações, uma questão falaciosa, visto que o trabalho no país de acolhimento é tão ou mais penoso que no país de origem, muito embora a remuneração seja bem melhor, podendo aceder a outras condições de vida, não encontradas em seu país. Constata-se, por isso, em Ribeira de Principal, uma vontade enorme de emigrar. Mas, na prática, e principalmente nos primeiros dez anos, a situação

do emigrante não é favorável economicamente ou socialmente. Devido a essa situação, os membros do grupo doméstico afirmam que têm de trabalhar, porque nem sempre os familiares emigrados possuem condições para contribuir plenamente com as despesas cotidianas.

Com a emigração masculina, algumas mulheres foram trabalhar nas “fornadjas” por terem sentido a necessidade de contribuir para a provisão do grupo doméstico, e nesse espaço público o trabalho é remunerado. Obviamente esta situação aconteceu porque o homem, considerado o provedor do lar, nem sempre possuía, no estrangeiro, condições para contribuir regularmente para a manutenção socioeconômica do grupo doméstico – muitas vezes a sua condição de ilegal contribuía para o desemprego. Esta situação espelha o quadro de vulnerabilidade a que os maridos/companheiros estão expostos, assim como o seu próprio grupo doméstico, tanto um como outro enfrenta condições de precariedade. Esta condição originou a construção de novas estratégias, principalmente pelas mulheres no meio rural, ou seja, o surgimento das “fornadjeiras” constitui um processo social influenciado pelas condições locais e externas (a emigração e as dificuldades, e a precariedade socioeconômica).

A necessidade de contribuir para a manutenção do grupo doméstico levou a mulher a se inserir no espaço de produção que ela frequentava com os progenitores ou cônjuges e procurou aprender o processo de produção do grogue na “fornadja”. Por isso passa a ter um papel importante no espaço público, e dentro do próprio grupo doméstico. A necessidade e, posteriormente, a decisão de trabalhar na “fornadja” como uma figura ativa e “política”, foram construídas socialmente a partir da saída do homem desse espaço. A mulher se inseriu na “fornadja” um espaço produtivo e político considerado masculino. A presença ativa da mulher está rodeada de conflitos latentes e não declarados. Os homens não queriam ter a presença da mulher na “fornadja”, mas tiveram que aceitá-la porque perderam a capacidade de prover, sozinhos, as necessidades do grupo doméstico devido às condições encontradas (nos primeiros tempos) no país de acolhimento, designadamente a condição de ilegalidade, o baixo salário e o desemprego. Contudo, há que lembrar, o homem, antes da emigração, não era o único provedor do grupo doméstico. A mulher trabalha(va) no campo, na agricultura e em casa. Porém, como estas atividades não são remuneradas, considera-se que o provedor do grupo doméstico é o homem, que, por sua vez, é socialmente considerado a pessoa de referência no grupo porque realiza tarefas remuneradas e administra a renda. Por exemplo, a pesquisa de Silva e Menezes (2010) conclui que, no município de Tavares (Paraíba), no nordeste brasileiro, as mulheres são sujeitos ativos na trama das migrações dos homens, uma vez

que assumem papéis e funções complementares aos dos homens, favorecendo a reprodução e ampliação do patrimônio familiar.

No caso em análise, com a emigração masculina, cai por terra toda a ideia do homem provedor do grupo doméstico – pois, principalmente nos primeiros anos da emigração, fica patente a situação de precariedade dos emigrantes. Assim, coube à mulher apoiar e prover o grupo – sobressaindo e revelando assim o trabalho “oculto” das mulheres, pois com a ausência masculina passa a ser a pessoa de referência no grupo (isto não quer dizer que a mulher ocupou inteiramente o lugar do homem e que este perdeu a sua posição no grupo doméstico; somente houve uma “relativa equidade” das posições). A falta da força de trabalho em razão da emigração obriga os grupos domésticos rurais a se inserirem num processo de reconfiguração das relações sociais de trabalho e produção, fazendo com que crescentemente as mulheres deixem o espaço doméstico e privado da casa e passem a ocupar o espaço público e coletivo do trabalho nas “fornadjas”.

A emigração masculina, em Ribeira de Principal, reforça o papel das mulheres na manutenção da identidade camponesa. As mulheres se tornam o principal elo entre o grupo doméstico e o campo ou “fornadja”, enquanto patrimônios e espaços de produção. São as mulheres que, na ausência dos maridos, passam a realizar as tarefas no espaço de produção e do consumo, auxiliadas pelos filhos menores e outros membros do grupo doméstico. Essa dinâmica só é possível porque há uma renegociação, ainda que provisória, de papéis, e uma redefinição de espaços de trabalho. Isso não significa, porém, um rompimento total com a estrutura de poder predominante no grupo doméstico.

Aliás, as relações de poder não são estáticas e tampouco encerram no binómio dominador (homem) e dominado (mulher), pois o poder não está localizado num lugar específico, visto que as relações de força interagem entre si. O poder encontra-se nas relações cotidianas, está circulando entre as pessoas, e não está nas pessoas (Foucault, 1999). Assim, embora se reconheça a mulher como o sujeito dominado da relação homem e mulher, ela muitas vezes faz recurso dessa situação de submissão para exercer a dominação. Por exemplo, é o caso da situação de muitas mulheres que trabalham nas “fornadjas”. Os respectivos maridos ou companheiros não querem vê-las a trabalhar nesse espaço. Porém, elas recorrem a um conjunto de argumentos – a renda, por exemplo, que o marido mobiliza para o grupo doméstico é insuficiente – para continuarem a exercer essa atividade que lhes traz alguma autonomia na gestão dos rendimentos ali arrecadados, e nas decisões domésticas.

Essas estratégias e discursos, aliados à emigração, permitiram, de certa forma, uma fluidez nas relações de poder no grupo doméstico, uma vez que as mulheres

passam a ter maiores iniciativas e tomadas de decisões, mesmo que, por vezes, sejam predominantemente relacionadas ao seu espaço de pertença e influência. Da mesma forma, não se redefine totalmente a figura do pai provedor, pois os homens nunca estão completamente ausentes. A autoridade, o poder e a honra paterna continuam sempre representados por meio de símbolos e da construção da ideia de pai.

“Fornadja” e recomposição social

A presença da mulher nas “fornadjas” não é recente, ou seja, a mulher tem presença frequente nas “fornadjas”. A diferença é que com o início da emigração masculina e a introdução do “trapiche” motorizado na produção do grogue a presença feminina nas “fornadjas” aumentou significativamente. Antes desses fatos, a presença da mulher nas “fornadjas” limitava-se ao papel de ajudante dos maridos e dos pais na produção do grogue. Eram pouquíssimas as mulheres que produziam grogue, e essa ajuda centrava-se essencialmente em atividades de apoio (descritos anteriormente). Hoje, a mulher ocupa uma posição diferente no espaço da “fornadja”. Aliás, é nesta linha que Silva e Schneider (2013) concluíram, numa pesquisa no Brasil, que as transformações ocorridas no campo agrícola afetam a estrutura e a identidade e transformam, conforme as características dos países e regiões, as relações de gênero. Mas também as relações de gênero geram tais transformações.

A sua presença nesse espaço público torna-se o que Fischer (2007) designou “uma presença política”. O seu trabalho não se limita ao de “ajudante” do membro masculino do grupo doméstico, mas de produtora de grogue. Ela dirige todo o processo produtivo, desde a plantação da cana, passando pela colheita e moagem da mesma, e depois pela destilação e venda do grogue.

A entrada da mulher na “fornadja” como produtora de grogue trouxe mudanças nas relações entre homens e mulheres. As transformações incidem, principalmente, na maneira como é visto o papel de cada um desses sujeitos nas relações que se estabelecem dentro do grupo doméstico, no espaço da produção e na própria construção simbólica dos sujeitos sociais de Ribeira de Principal. Entretanto, antes de a mulher começar a trabalhar nas “fornadjas” como produtora de grogue, isso era a norma instituída, cuidava das tarefas domésticas e trabalhava no campo, mas com um papel subalterno em termos de decisões importantes no tocante à produção. O papel e a responsabilidade do homem era a manutenção do grupo doméstico, ou seja, era considerado o único provedor ativo. Isso nos leva a lembrar que o trabalho da mulher realizado em casa e no campo é desconsiderado como trabalho no sentido em que não é valorizado, porque é considerado “leve”;

não é remunerado e, principalmente, porque a mulher não decidia no espaço público, na comercialização dos produtos ou na transação da renda.

Atualmente, as mulheres, juntamente com os homens, provêm também o grupo doméstico. Neste sentido, foi trabalhar nas “fornadjas” porquanto é um dos espaços mais significativos de produção na comunidade. Em praticamente todas as casas dessa ribeira existe, pelo menos, um membro do grupo doméstico que trabalha ou já trabalhou na “fornadja”.

Outras mulheres trabalham na “fornadja”, no campo ou em outras actividades porque as contribuições de outros membros do grupo doméstico não são suficientes para a provisão das necessidades do grupo. Nesse sentido, os grupos domésticos tornam-se “pluriativos”, o trabalho na “fornadja” permite gerar meios de vida durante os meses de inatividade na agricultura. Pode-se constatar que alguns valores culturais e práticas sociais se modificaram de forma expressiva, ocasionando o enfraquecimento dos laços e vínculos matrimoniais e familiares, propiciando, conseqüentemente, o crescimento de grupos domésticos chefiados por mulheres e uma redução da renda trazida para o grupo. Assim, constata-se a existência de diferenças entre as mulheres casadas ou vivendo em união de fato e as mulheres mães solteiras, que trabalham nas “fornadjas”. Para estas últimas, a produção do grogue é um meio de vida, mas para as primeiras constitui um complemento da renda familiar. A produção do grogue constitui um processo de diversificação dos meios de vida no espaço rural em que as famílias rurais constroem, segundo Ellis (2000), estratégias para enfrentar “contextos de vulnerabilidade” a partir da realização de um conjunto de atividades.

Os atores sociais inseridos em seus grupos domésticos recorrem às diversas estratégias de reprodução, entre as quais encontram-se a “pluriatividade”. Nos grupos domésticos encontra-se pelo menos um membro ativo que realiza uma combinação de atividades agrícolas e não agrícolas. A produção do grogue, pelas mulheres e pelos homens, os trabalhos sazonais na construção civil pelos homens, enquadram na situação de pluriatividade. A produção do grogue constitui uma atividade não agrícola, embora a matéria-prima utilizada – a cana sacarina – seja um produto agrícola produzido nas hortas de muitos “fornadjeiros” e muitas “fornadjeiras” ou comprado de terceiros.

Este tipo de “pluriatividade”, segundo Schneider (1999), possui uma base agrária, pois a atividade não agrícola – a produção do grogue – ocorre no próprio setor da agricultura, e não na indústria. Segundo Schneider (2007), a “pluriatividade” é heterogênea e diversificada e está ligada, de um lado, a estratégias sociais e produtivas que vierem a ser adotadas pela família e por seus membros e, de outro, sua variabilidade dependerá das características do contexto ou do

território em que estiver inserida. Por outro lado, a “pluriatividade” pode adquirir significados diversos e servir para satisfazer projetos coletivos ou como resposta às decisões individuais. Os grupos domésticos articulam o trabalho das “fornadja” com outras actividades agrícolas e não agrícolas – uma situação de “pluriatividade” –, em que as mesmas funcionam como fontes de produção de bens e de troca e inserção nos mercados, assim como para o autoconsumo. Com esta actividade as mulheres passam a dominar uma nova dimensão do espaço público, ou seja, inserem-se e participam do espaço das trocas mercantis e económicas gerindo o seu próprio dinheiro. Porém, sem seu abandono total – e começa a integrar gradativamente o espaço público (masculino). Porém, os papéis sociais femininos não se alteraram, pois são as mulheres que fazem o trabalho doméstico, mesmo trabalhando na produção ou em outros locais.

Muitos “fornadjeros”, assim como alguns maridos e companheiros – emigrados ou não – das “fornadjas”, dizem não querer que elas trabalhem nas “fornadjas”. Contudo, pode ver-se que a mulher continua a trabalhar na “fornadja”. Este fato constitui uma situação bastante peculiar, cuja iniciativa partiu das próprias mulheres, que persistem em mantê-la por entenderem que é a única forma de participarem ativamente no espaço público. Espaço esse que para elas, até aqui, era o espaço público que se transformou no espaço público político. Entretanto, prevalece a persistência em manter-se a trabalhar nas “fornadjas”, por vezes contrariando o modo de ver e de pensar do marido ou companheiro. É uma situação negociada interativamente entre os sujeitos, em que a mulher, neste contexto, está na posse da agência de resistência (Ortner, 2006). As mulheres ao conquistarem essa posição no espaço público estão a constituir um sujeito feminino ativo, participativo e político, revelando-se não como figurantes, mas como atrizes na transformação das suas comunidades.

Neste sentido, o trabalho na “fornadja”, além de ser uma estratégia de produção para aprovisionamento, já demonstrado na pesquisa do Sahlins (1970), especialmente para os grupos domésticos com menos condições socioeconómicas, constitui, também, uma estratégia de afirmação da identidade da mulher no espaço público. A necessidade impulsionou a inserção das mulheres na “fornadja”, porém nem todas elas trabalham nesse espaço por esta necessidade, mas sim porque querem participar ativamente desse espaço público, construindo assim uma nova identidade. Muitas “fornadjas” vão trabalhar na “fornadja” para participarem desse espaço, e não porque precisam da renda da venda do gogue.

As “fornadjas”, os “fornadjeros”, assim como a população local afirmam que trabalhar na “fornadja” é prejudicial à saúde, sobretudo das mulheres. Esse argumento assenta, basicamente, na quentura da “fornadja”, que prejudica a

saúde da mulher, tanto do ponto de vista físico como da sua capacidade de reprodução. Essa argumentação enquadra-se numa tentativa de naturalizar a diferenciação biológica entre os indivíduos. Assim, a definição social dos órgãos sexuais, longe de ser um simples registo de propriedades naturais, diretamente dadas à percepção, constitui produto de uma construção operada ao preço de uma série de escolhas orientadas através da acentuação de certas diferenças ou escotomização de certas semelhanças (Bourdieu, 1999).

Aliás, os homens reforçam este discurso dizendo que o trabalho da “fornadja” é trabalho masculino, ou seja, “trabalho pesado”. Como se consideram os mais fortes fisicamente, logo, é trabalho indicado para eles. Pode-se verificar, com base na análise de Bourdieu (1999), que o argumento utilizado pelos atores sociais para fundamentar a diferença anatômica, entre os órgãos sexuais, constitui uma justificação para legitimar a diferença social, construída entre os gêneros na divisão sexual do trabalho.

Vários autores, entre os quais Heredia *et al* (1987), ao analisarem o lugar das mulheres em grupos domésticos camponeses, observam que a organização social camponesa obedece a um padrão de divisão sexual do trabalho bastante rígida e bipolarizada, entre o campo – espaço da produção, público e, por isso, predominantemente masculino – e a casa – espaço do consumo, de domínio feminino. Na Ribeira de Principal, porém, essa classificação não pareceu tão rígida, já que a dinâmica social e as necessidades vivenciadas pelos grupos domésticos permitiram que a mulher ocupasse espaços considerados como masculinos. A emigração, na comunidade, impõe na prática constantes redefinições e reconfigurações do lugar ocupado por cada um nos espaços de produção. A classificação desses espaços, porém, permanece em suas representações como masculino e feminino.

A entrada da mulher na “fornadja” permitiu rearranjos nas relações de gênero, através da redistribuição de tarefas e de espaços de trabalho, sem romper definitivamente com as representações de gênero que marcam as posições hierarquizadas dos sexos. As mulheres e os homens vêm desempenhando tarefas consideradas masculinas e femininas. O trabalho das mulheres na manutenção do grupo doméstico vem possibilitando seu acesso aos espaços públicos, anteriormente exclusivos dos homens. Aí, ao articularem as experiências da vida privada com as do espaço público, nas lides cotidianas, as mulheres questionam a hierarquia de gênero, não só no grupo doméstico, mas também no espaço de produção. Portanto, o trabalho das “fornadjeiras” permite a articulação do mundo privado com o mundo público, rompendo com os modelos de fixação das mulheres nos espaços privados e assim construindo uma nova identidade feminina participante do espaço público político da comunidade.

Conclusão

A emigração e a ocupação dos homens em outros setores da economia de Cabo Verde, como a construção civil e o trabalho assalariado, abriram novas oportunidades para a inserção da mulher em outras atividades fora do espaço doméstico e privado. A partir do período da incorporação feminina no espaço público do trabalho como produtora passou-se a considerar uma realidade na Ribeira: as mulheres “fornadjeiras”, ou seja, trabalhadora, remunerada. Esta situação, entretanto, não diminuiu as tarefas realizadas pela mulher no espaço doméstico, pelo contrário, aumentou as suas tarefas, que, para além de dona de casa, passa a trabalhadora. Essa situação permite considerar que a influência dos valores patriarcais configura o sistema simbólico fundado na oposição casa/trabalho e legítima, em última instância, a sujeição feminina, pois a categoria “trabalhador” é construída segundo uma configuração masculina. Estão embutidos, em sua formulação, os pressupostos da dicotomia público e privado, em que se exclui deste último a remuneração pelos trabalhos realizados. Assim, a construção da categoria “trabalhador” marginaliza a mulher, que acaba por trabalhar duas vezes – uma no espaço público de produção e outra no espaço doméstico –, sendo o primeiro trabalho remunerado mas o segundo gratuito.

A partir do momento em que as mulheres se inseriram ativamente no espaço público, trabalhando como produtora de grogue nas “fornadjas”, conquistaram uma autonomia e um reconhecimento social até então desconhecidos. Esse reconhecimento social transforma-as de mulheres ajudantes para trabalhadoras e produtoras de renda. É importante considerar, no entanto, que a conquista dessa posição não foi suficiente para a erradicação de uma sociabilidade fundamentada na hegemonia masculina. Isto porque o discurso das mulheres persiste em considerar que é papel do homem trabalhar na “fornadja” e ser o principal provedor do grupo doméstico. Este discurso, porém, é ambíguo no sentido em que as mulheres participam politicamente no espaço público, trabalhando com e como os homens na produção do grogue. Entretanto, elas demonstram, ainda, valores que admitem a divisão sexual tradicional do trabalho, o que contribui para a legitimação desta condição.

Esta posição revela que a conquista do espaço público pela mulher encontra-se, entretanto, dissociado de uma desconstrução das relações patriarcais predominantes. Ademais, esta situação mostra contradições e antagonismos, pois a mulher possui uma carga de responsabilidade imposta para manter o grupo doméstico – na reprodução, nas tarefas domésticas – que a sua situação

no mundo produtivo torna extremamente penosa e arbitrária. E, ao invés de se verem aliviadas dessa situação, como pretendia a retórica da oportunidade de direitos iguais para as mulheres e da eliminação de qualquer discriminação de gênero, o que elas presenciam é uma acentuada precarização da sua força de trabalho.

Entretanto, a capacidade das “fornadjeiras” em encontrar soluções inovadoras para enfrentarem a situação de vulnerabilidade e pobreza no meio rural sem um apoio constante do Estado ou de outros agentes mostra que as mulheres, embora sem reconhecimento, realizam atividades diversificadas – na produção, na reprodução e na comunidade – que lhes permitem, paulatinamente, adquirir autonomia, inserir-se e resistir em espaços dominados pelos homens.



Ilustração 1: Ilha de Santiago - Principal, São Miguel. Fonte: Ant3nio Baptista, 2008.



Ilustração 2: Ilhas de Cabo Verde. Fonte: [wikitrave.org/pt/Cabo_Verde], [sambazonk.files.wordpress.com/..mapa_de_cv.jpg], 2010.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Oeiras, Celta, 1999.
- BURGESS, Robert. *A pesquisa de terreno. Uma introdução*. Oeiras, Celta, 2001.
- ELLIS, F. *Rural Livelihoods and Diversity in Developing Countries*. Oxford, Oxford University Press, 2000.
- FISCHER, Izaura Rufino. *O protagonismo da mulher rural no contexto da dominação*. Recife, Ed. Massangana, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1999.
- GIUFFRÈ, Martina. Mulheres que ficam e mulheres que migram: dinâmicas duma relação complexa na ilha de Santo Antão (Cabo Verde). In: GRASSI, Marzia e ÉVORA Iolanda. (Orgs). *Gênero e migrações cabo-verdianas*. Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2007, pp. 193-215.
- HEREDIA, M. *et al.* O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas. In: AGUIAR, N. *Mulheres na força de trabalho na América Latina*. São Paulo, Loyola, 1987, pp. 28-56.
- INSTITUTO Nacional de Estatística. *Censo 2000*. Praia, 2000.
- LAPLANTINE, François. *A descrição etnográfica*. São Paulo, Terceira Margem, 2004.
- ORTNER, Sherry B. Poder e projetos. Reflexões sobre a agência. In: *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, Goiânia, 2006, pp. 45-80.
- SAHLINS, M. *Sociedades tribais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.
- SCHNEIDER, Sérgio. *A Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Universidade/UFRGS, 1999.
- SCHNEIDER, Sérgio. A pluriatividade no meio rural brasileiro: características e perspectivas para investigação. In: GRAMMONT, Hubert Carton de e MARTINEZ VALLE, Luciano. (Orgs). *La pluriactividad en el campo latinoamericano*. Quito, Ed. Flacso, 2009, pp. 132-161.
- SILVA, Carolina Braz de Castilho e SCHNEIDER, Sergio. *Gênero e pluriatividade na agricultura familiar do Rio Grande do Sul: um estudo sobre Veranópolis e Salvador das Missões*. (No prelo). Rio Grande do Sul, 2013.
- SILVA, Carolina Braz de Castilho e SCHNEIDER, Sergio. Gênero, trabalho rural e pluriatividade. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide e MENEZES, Marilda. (Orgs). *Gênero e geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina, Ed. Mulheres, 2010, pp. 183-207.
- SILVA, Marcelo Saturnino da e MENEZES, Marilda Aparecida de. Homens que migram, mulheres que ficam: o cotidiano das esposas, mães e namoradas dos migrantes

sazonais do município de Tavares - PB. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide e MENEZES, Marilda. (Orgs). *Gênero e geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina, Ed. Mulheres, 2010, pp. 279-309.

TORRES, Iraídes Caldas e RODRIGUES, Luna Mesquita. O trabalho das mulheres no sistema produtivo da várzea amazônica. In: SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide e MENEZES, Marilda. (Orgs). *Gênero e geração em contextos rurais*. Ilha de Santa Catarina, Ed. Mulheres, 2010, pp. 233-252.

WHITEHEAD, Ann. Women's solidarity and divisions among women. *IDS Bulletin*. Brighton, v. 15, n. 1, jan, 1984, pp. 6-11.

Recebido em: 27/09/2012

Aceito em: 14/04/2013

Como citar este artigo:

CARVALHO, Carla e SCHNEIDER, Sergio. "Fornadjeras": mulheres, mobilidade social e gênero na produção de aguardente (grogue) em comunidades rurais de Cabo Verde/África. *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 3, n. 1, jan-jun 2013, pp. 215-232.